E-BOOK

A arte e a literatura como recursos para o diálogo com crianças e adolescentes

Com sugestões de atividades



CARAVANA DE LEITORES QUINDIM

12-23 AGO
Shopping Villagio Caxias

APOIO CULTURAL

Villagio Caxias
O melhor é agora

Instituto Elisabetha Randon

REALIZAÇÃO

Instituto de Leitura QUINDIM

FINANCIAMENTO

lei de incentivo à Cultura

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL

A arte e a literatura como recursos para o diálogo sobre temas difíceis com as crianças

A relação de afeto entre bebês, educadora e literatura.

Leitura, literatura e laços afetivos. Essa trilogia merece muita atenção. A interconexão entre vários aspectos da educação e da cultura está se tornando cada vez mais relevante nos estudos sobre acesso à linguagem e desenvolvimento integral dos bebês.

Lemos o mundo desde o nascimento e até mesmo durante a vida intrauterina, considerando a voz da mãe como o primeiro contato com a cultura e a linguagem.

A leitura de mundo é alimentada por diversos estímulos, especialmente pela literatura. Muitas vezes, essa literatura não é formalmente reconhecida como tal, pois surge das intenções espontâneas de mães, pais, avós ou professores.

O adulto ao interagir com um bebê, ativa suas memórias e vivências de sua própria infância como as cantigas de ninar, os acalantos, as brincadeiras com os dedos tocando o corpo do bebê e ascanções murmuradas no ritmo do olhar, do sorriso ou do choro do bebê.



CARAVANA DE LEITORES QUINDIM



A narração é a principal fonte de entrada para a linguagem. Narramos para sobreviver, para compreender o significado dos acontecimentos ao nosso redor e para organizar o tempo. Os bebês necessitam dessas experiências narrativas precoces, tanto as que organizam a vida cotidiana, quanto as narrações poéticas dos contos, que alimentam o território da ficção.

Essa experiência narrativa é sustentada por uma relação de cuidados afetivos e de compartilhamento de palavras e olhares.

Onde começa a leitura?

Desde o nascimento, as crianças buscam entender os sinais trocados pelos seres humanos e utilizá-los para se comunicar. Elas observam todos os movimentos de interação e buscam decodificá-los e dar sentido. Essa rede de comunicação é complexa.

A língua é um labirinto que acolhe o bebê e, ao mesmo tempo, o introduz na função simbólica e na comunicação. Assim, o bebê vai construindo seu psiquismo. Ele transforma as primeiras percepções sensoriais em informações relacionadas à linguagem dos outros, aprende a interpretar suas próprias sensações corporais, adquire a linguagem, começa a formar representações sobre as coisas, e aprende a pensar e a se expressar.

A mãe, ou outro adulto que cuida e educa o bebê, dá sentido às suas angústias vividas "do lado de fora" onde ele está aprendendo a viver, identificando-se com ele e transformando em melodia o que inicialmente é puro caos: "Você está com fome, está chorando porque está com fome, eu te entendo, vou te dar comida..." Em suma, ao verbalizar o que incomoda o bebê, o adulto constrói significados e demonstra empatia com suas necessidades.

Um recém-nascido sobrevive apenas se a mãe, o pai, o professor ou uma pessoa próxima interpretar seus gritos, seus movimentos e, posteriormente, seus gestos e entonações, identificando suas necessidades corporais e psíquicas e sabendo diferenciá-las.

O adulto traduz em palavras as sensações do bebê, também gesticula, oferece seu rosto, seu olhar, seu sorriso, sua ira. A criança constrói, a partir do rosto do adulto, uma série de signos vitais para sobreviver: aprende a se acalmar, a esperar, sente-se querida, reconfortada, sabe que é aceita...

Então, a criança "começa a ler" vozes, sons, gestos, espaços, tom corporal, cheiros, lendo com todos os sentidos.

Sua mente, sua voz, seu colo são as páginas que oferecem à criança a letra da vida, de sua vida.

Ler é uma atividade muito mais ampla do que ler livros, letras ou palavras.

O corpo da mãe é como um livro, poderíamos dizer, talvez o primeiro livro da criança...

Considerar essa realidade da vida da criança pode ser fundamental para acompanhá-la em seus processos rumo à leitura e à escrita. Esse diálogo com o(a) cuidador(a) já pressupõe um pequeno leitor-intérprete-ouvinte ativo e criador. Nesse diálogo, a sensibilidade afetiva vai enriquecendo a sensibilidade poética e a descoberta da linguagem.

Você entende, então, o quanto é **importante pensar nos bebês como seres de palavras**, mesmo quando ainda não são capazes de pronunciá-las da nossa forma?

.



CARAVANA DE LEITORES QUINDIM

Primeiras palavras

As primeiras palavras que os adultos dirigem às crianças já são cheias de ludicidade. Em qualquer cultura, quando um adulto fala com um bebê, sua entonação, ritmo e vocabulário mudam.

A criança, ao ouvir e se familiarizar com a linguagem, começa a emitir seus próprios sons. Nossa atenção a essa forma de comunicação e nossa interação com o bebê ajudam a aprofundar sua intersubjetividade, ou seja, a habilidade do bebê de entender os estados mentais dos outros, engajar-se em diálogos intencionais e usar a linguagem de forma interativa. Isso está fortemente ligado à leitura e também o introduz ao mundo da música, explorando sons pelo prazer das combinações, não apenas como meio de expressão com significado.

Assim, o bebê aprende a reconhecer sons, palavras e as intenções por trás delas por meio das variações tonais dos adultos. Essa capacidade de distinção é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento. Podemos afirmar que é nesse ponto que se inicia o pensamento abstrato, as operações lógicas, a matemática, a leitura e a escrita.

Cantigas de ninar e o banho sonoro

O que o bebê ouve dentro do útero materno, as vozes impregnadas de afeto e as entonações amorosas, é, talvez, a experiência mais inicial na vida das crianças.

A cantiga de ninar é essencial para a saúde mental do bebê. Ela estabelece as bases da sensibilidade e da percepção estética, facilita a descoberta musical e proporciona à criança seu primeiro contato com a poesia. A canção de ninar também amplifica os recursos naturais do mundo lúdico na interação entre o adulto e o bebê, tornando-se um fator de proteção para o vínculo inicial.

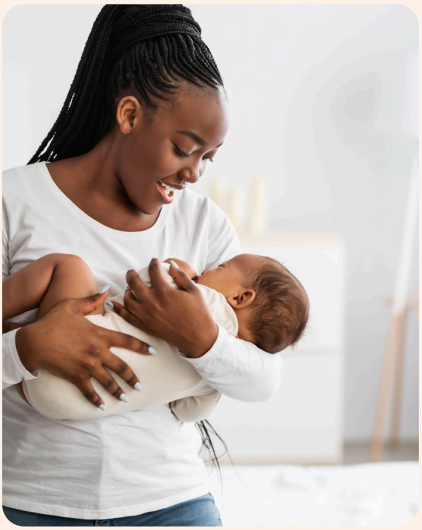
O som é caracterizado pela ausência de fronteiras. Ele nos alcança de todos os lados, nos invade, nos envolve, e não conseguimos nos proteger de sua presença. Além de nossas produções sonoras voluntárias, alguns sons escapam involuntariamente do nosso corpo.

O psicanalista francês Didier Anzieu (1993), juntamente com outros pesquisadores, dedicou seu trabalho a explorar os fenômenos de contenção tátil, sonora e mental que sustentam e protegem os bebês diante da fragilidade dos primeiros estágios da vida.

Esse trabalho de sustentação envolve a criação de laços de apego, a disponibilidade dos pais e dos cuidadores, que aprendem a interpretar o que acontece com os bebês e a transformar essas necessidades em cuidados e proteção. Isso inclui ações como embalar, acariciar, oferecer contato físico, interpretar, brincar e cantar.

Essas medidas de proteção criam uma camada psíquica envolvente, que é simultaneamente uma experiência mental e afetiva. Elas ajudam a criança a começar a simbolizar, organizar sentimentos e reduzir ansiedades.

O banho sonoro é fundamental para a construção mental da criança e para sua busca pelo equilíbrio psíquico. Embora as crianças muito pequenas ainda não compreendam o significado de todas as palavras, elas percebem gestos, musicalidade e formas de falar, respondendo imediatamente a esses estímulos. Quando a mãe, o pai ou a professora compartilham essa envoltura sonora com a criança, eles a acariciam, protegem, organizam os estímulos do ambiente, fornecem informações sobre o mundo e ajudam a criança a se desenvolver.



Os livros na vida das crianças

O livro, a princípio é um brinquedo, mas esse brinquedo traz histórias, cenas, dramaturgias, lança narrativas. Nesse sentido **o pedido de repetição das mesmas histórias relaciona-se com a elaboração de angústias vivenciadas no cotidiano infantil.** O que o livro entrega, além da riqueza estética, é a possibilidade de elaborar fenômenos subjetivos; ajuda a criar a confiança na própria "continuidade do ser", ou seja, que somos nós mesmos o tempo todo, em diversos lugares; algo de que como adultos já nem nos lembramos, mas que é sumamente inquietante na vida dos bebês.

Nas interações sociais, a construção da linguagem dos bebês

Ao observarmos a relação de alguns adultos com os bebês, percebemos que, em certas circunstâncias, instituem-se um ritmo mecânico e relações automatizadas. Eles agem como se os bebês fossem objetos, com muita rapidez e pouco contato afetivo e efetivo. Essas situações fragilizam as possibilidades comunicativas e relacionais dos bebês, enfraquecendo a formação das iniciativas por parte deles.

Em contrapartida, se há diálogo, se o adulto conversa com o bebê nos momentos de cuidados corporais, o olha nos olhos, tocando-o afetuosamente, desenvolvem-se a parceria e a autoconfiança, o que permite ao bebê dar-se conta de si mesmo, assim como expressar-se de forma segura e prazerosa.



Nesse processo, o sorriso, inicialmente um espasmo na região do rosto, torna-se uma atitude para o outro, quando é valorizado, instigado pela fala e pela expressão do adulto. Também o choro, inicialmente sinal de desagrado ou frustração, torna-se um ato comunicativo, quando o adulto responde com o olhar, o colo, o afago.

Nas interações com os bebês na escola, você pode observar que eles se comunicam, mesmo antes das primeiras palavras, e que se organizam no ambiente, a partir de suas ações. Vocalizam, buscando contato, manifestando expressões faciais que indicam uma orientação de quem se comunica com eles, movimentam-se para o deslocamento, a exploração e a expansão de si mesmos. O momento da eclosão da fala, por volta dos dois anos, advém de um intenso trabalho de significação por meio da ação, de mergulho nas interações com os adultos e outras crianças, mediadas pela fala, na concretização da capacidade de representar.



Ressaltamos a importância de fazer algo junto com os bebês, que é diferente de fazer por eles. Isso para potencializar essa interação e construção de linguagem.

Os bebês podem ser provocados a subir um obstáculo, levantar as mãos para vestir uma roupa, comer sozinhos, folhear um livro sem que o adulto faça essas ações por eles, mas organizando espaços e interações de modo a incentivá-los.

Também é importante **salientar que não intervenção, para que a criança construa a sua autonomia, não é abandono.** Perceber que a criança consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios e adquirindo uma classe de conhecimento superior àquela que recebe uma solução pronta é muito bacana, mas esse espaço de liberdade de forma nenhuma significa que devemos abandonar as crianças, pois os olhares, as falas e a ajuda das professoras, quando necessários, devem estar sempre presentes, promovendo a sensação de segurança.

Dessa forma **a escola pode ser reconhecida como espaço social da experiência que potencializa as relações e construções de significação das crianças entre si**. Interagir com os pares de idade favorece o desenvolvimento das competências sociocomunicativas dos bebês. Sendo assim, a organização dos espaços, dos tempos e dos materiais pode incentivar as diversas interações entre bebês e adultos, e muito importante também, as interações entre os bebês com outras crianças.

CARAVANA DE LEITORES QUINDIM



“Criança, linguagem e cultura”



Você já parou para refletir sobre o momento em que a criança se lança na aventura de se tornar emissora de suas próprias palavras?

Quando a criança está tentando transformar sons, gestos e silêncios em palavras, ela se torna testemunha do que ainda não é língua. A voz da criança é testemunha de algo que luta para ser dito. Não há língua possível que possa dar conta do que não é ainda língua.

Mas afinal, **o que é linguagem? Como linguagem e infância estão entrelaçadas? Como experimentar junto com as crianças o fato de que falamos e de que linguagem, em sua origem, é pura expressão?**

Para responder a tais questões é necessário participar do mundo delas, rememorando, como adulto, a criança que existe em cada um de nós.

Todos sabem que é na infância que se constitui a necessidade da linguagem, e que, pra penetrar na corrente viva da língua, a criança precisa transformar os gestos sonoros em signos linguísticos. Desde muito cedo, a criança busca estabelecer relações e se comunicar com o mundo físico e social. Essas primeiras tentativas envolvem o corpo todo, e nesses movimentos, estão contidos o germe da constituição simbólica da realidade.

Ao compreender a infância articulada com a linguagem, concluímos que a criança não é apenas uma etapa cronológica na evolução da espécie humana a ser estudada - pela biologia ou pela psicologia do desenvolvimento - mas sim um ser que participa da criação da cultura através do uso criativo da linguagem na interação com seus pares, adultos e crianças, mas também com as coisas ou objetos que existem ao redor. A representação simbólica da realidade evolui, ao longo da vida, em direções e formas cada vez mais sofisticadas ou inusitadas, tendo por base, o diálogo permanente da criança com seu contexto cultural.

Vale ressaltar que, na compreensão de linguagem, as crianças não recebem a língua materna pronta para ser usada, mas ao nascer, penetram na corrente da comunicação verbal e é nela e por meio dela que ocorre o despertar de sua consciência para os usos da linguagem.



O discurso verbal está diretamente ligado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação.

O discurso verbal está diretamente ligado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação. São os julgamentos de valor e as avaliações que fazem com que o discurso verbal se envolva diretamente com a vida, formando com ela uma unidade indissolúvel. A língua em si, tomada isoladamente, não pode, naturalmente, ser verdadeira ou falsa, ousada ou tímida. Cada ato de fala não é só o produto do que é dado, sempre cria algo que nunca existiu antes, absolutamente novo e não repetitivo que se revela na entonação.

Ao observarmos as próprias conversas cotidianas que ocorrem entre as crianças, é possível compreender melhor como a entoação é especialmente sensível a todas as vibrações sociais e afetivas que envolvem o falante e, principalmente, perceber como ele atua, constituindo-se e se integrando ao enunciado como parte essencial da estrutura da significação.

Escutar na voz da criança as tensões e os conflitos culturais

Como a criança apreende o discurso que vem do outro?

Como ela experimenta as palavras do outro na sua consciência?

Que valores sociais se explicitam em suas conversas com seus pares?

Como se articula a consciência da criança com a lógica dos valores culturais presentes no seu contexto social?

Ao conversarmos com as crianças, é necessário tentar enxergar o que dizem sobre o tema em pauta sob o ângulo e visão delas, isto é, ouvir além do que perguntamos, ir junto com elas para fora do tema e nos deixar surpreender com o que der e vier. Só então seremos capazes de, verdadeiramente, perceber o quanto somos responsáveis pelas palavras que a elas dirigimos. Ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio.

O texto da criança nos coloca frente a frente com o mundo tal como idealizado por nós, quer seja nos aspectos perversos e preconceituosos, quer seja na sua dimensão crítica e transformadora da ordem estabelecida.



Escutar a criança é uma oportunidade de retomarmos, a partir do ângulo dela, um olhar crítico sobre o mal estar da nossa cultura.



Walter Benjamin e a infância como crítica da cultura

Na infância, a imaginação, a fantasia, o brinquedo não são atividades que se caracterizam apenas pelo prazer que proporcionam, ainda que o prazer seja fundamental. **Para a criança, mais do que o prazer, o brinquedo preenche uma necessidade, isso porque a imaginação e a atividade criadora são para ela, efetivamente, constituidoras de regras de convívio com a realidade. Mas, se as crianças reproduzem, em seus jogos, muito daquilo que experimentam na vida diária,** as atividades infantis não se esgotam na mera reprodução. As crianças, além de recordar e viver experiências passadas quando brincam, também as reelaboram criativamente, combinando-as entre si e edificando com elas novas possibilidades de interpretação e representação do real, de acordo com suas afeições, suas necessidades, seus desejos e suas paixões.

Ao inventar uma história, ela retira os elementos da sua fabulação de experiências reais vividas anteriormente, mas a combinação desses elementos constitui algo novo. A novidade pertence à criança sem que seja mera repetição de coisas vistas ou ouvidas.

A criança conhece o mundo enquanto cria e, ao criar o mundo, ela nos revela a verdade sempre provisória da realidade em que se encontra. Sonhando a vida na ação e na linguagem, descontextualizando espaço e tempo, subvertendo a ordem e desarticulando conexões, a criança problematiza as relações do homem com a cultura e com a sociedade. É precisamente essa dimensão crítica, frequentemente desprezada como sendo uma visão ingênua, infantil e mágica da realidade que nós devemos aproveitar e explorar ao máximo no convívio com elas.

Aprender com as crianças a recuperar nossos sentimentos essenciais é recuperar, com a ajuda delas, a crítica sobre o mal-estar da nossa cultura. Por isso devemos aproveitar o privilégio de estar com elas, a cada dia, ensinando de vez em quando, mas aprendendo sempre.

“Ser feliz significa tomar consciência de si mesmo sem susto”

- Walter Benjamin -



“A importância do brincar, das histórias e da arte para as crianças”



O brincar é essencial para as crianças, é onde elas aprendem a viver. Embora precise ser garantida as suas necessidades biológicas, como comer, beber, assear-se., a criança necessita de duas coisas importantíssimas para o seu desenvolvimento emocional saudável: bons vínculos afetivos e espaço interno e externo para brincar. Quando brincamos, deixamos o nosso inconsciente fluir, deixamos nossas luzes e sombras fluírem. Vivenciamos todas as emoções possíveis.

Em sua autobiografia, Jung (1961) escreve que o brincar favorece a transformação e a criatividade. E relembra de como o brincar o ajudou a recuperar o seu equilíbrio psíquico num momento de grandes dificuldades, reconhecendo a importância do brincar na manutenção e no reencontro do equilíbrio psíquico (saúde psíquica). Ele considera que o brincar é muito importante para a economia psíquica e que o ser humano só é completo quando brinca.

O indivíduo que brinca ativa a potencialidade criativa do Self, o qual geralmente pode curar e transformar, pois constela as forças transformadoras e curadoras das quais necessita para a realização do seu projeto de vida. Assim favorece o reequilíbrio do eixo Ego-Self. O brincar relembra o divino, pois possui um aspecto criador, de religação e de criador de si próprio. (Jung, 1961)

A criança que brinca livremente, no seu nível e à sua maneira, está não só explorando o mundo ao seu redor, como também comunicando sentimentos, ideias, fantasias, ou seja, intercambiando o real com o imaginário.

A perda do lúdico na infância é algo que leva a criança ao envelhecimento precoce e atrofia a sua espontaneidade, pois é brincando que a criança mergulha na vida, sentindo-a na dimensão de suas possibilidades. No espaço criado pelo brincar, nessa aparente fantasia, acontece a expressão de uma realidade interior que pode estar bloqueada pela necessidade de ajustamento às expectativas sociais e familiares. A brincadeira espontânea proporciona oportunidades de transferências significativas que resgatam situações conflituosas.
Atividades lúdicas e criativas são essenciais e autênticas para a vida das crianças significando um meio de expressão e de comunicação que permite mostrar toda a sua espontaneidade, não ocultando seus sentimentos



A importância das histórias

A tradição das histórias como fonte de conhecimento e transformação é milenar. Ao contemplarmos uma história estamos contemplando uma faceta do nosso ser, e de alguma forma estamos trocando e transformando experiências. Estar aberto a uma história é estar aberto ao seu sentido, em todos os seus movimentos, contradições, vazios e celebrações; é estar em contato com o que há de mais emergente no interior de si mesmo, sentindo a própria força do seu SER. **Ouvir uma narrativa desperta a imaginação e a imaginação oferece a investigação do que pode ser e não do que deve ser.**

Para uma criança, as palavras do cotidiano e os rótulos comuns para os sentimentos são reducionistas demais, cognitivas demais para aprender sua atenção.

As histórias falam às crianças num nível muito mais profundo e imediato pois são a linguagem da imaginação.

CARAVANA DE LEITORES QUINDIM

A literatura em geral, e os contos tradicionais, infantis ou adultos, trazem conteúdos que falam sobre o ser humano, seus conflitos, buscas, valores e necessidades.

Algumas histórias infantis falam de questões e problemas emocionais comuns, mas falam dentro do domínio da imaginação e não dentro do domínio da cognição. A criança reconhece nos personagens problemas ou questões que ela mesma está enfrentando e consegue através da empatia ver, ouvir, entender e sentir com mais clareza o que se passa consigo, além de se alimentar de esperança de que é possível lidar de formas diferentes e resolver seus conflitos.

Com isso, as histórias levam às crianças a um mundo fantástico, um mundo mágico. Mas é um mundo que contém mais do que o olho vê. Os processos psicológicos representados nesse mundo, pelos personagens e suas aventuras, são repletos de significado. Se a criança está aberta a isso, ela pode entrar num mundo de esperança, de opções e possiblidades. No mundo da história ela pode encontrar ferramentas para um futuro mais rico e gratificante. Ela pode deixa-las ali mesmo ou levá-las para a vida.

CARAVANA DE LEITORES QUINDIM

Percebe-se, então, que por si só as histórias já são terapêuticas, pois através do uso da metáfora apresentam formas de lidar com alguns sentimentos e conflitos; por isso não raras vezes somos solicitados, enquanto adultos, a repetir e repetir a mesma história para a mesma criança. É que ela está elaborando o seu conteúdo toda a vez que a escuta.

A arte como potencializador do processo de transformação.

um forma muito rica e leve de as crianças expressarem e trabalharem seus sentimentos de forma que se sintam acolhidas, respeitadas, não invadidas, nem expostas demais é através da arte, de processos criativos

Atividades lúdicas e criativas são essenciais e autênticas para a vida das crianças. Kübler-Ross (2003) dá nome a essa linguagem, chamando-a de simbólica e nos diz que as crianças pequenas usam quase que exclusivamente a **linguagem simbólica**, não verbal, quando precisam se comunicar em momentos de dor e sofrimento. E que **a forma mais simples, mais bonita e mais usada pelas crianças são os desenhos.**

Tipos de arte e como dialogam com as crianças

Que tipo de arte se pode utilizar com as crianças e quais os benefícios de cada uma delas.

Os recursos artísticos disponíveis são inúmeros, e claro, devem ser pensados e trabalhados de acordo com a idade e o interesse da criança, da fase do desenvolvimento cognitivo e emocional que se encontra.

Importante salientar, também, que cada material ou técnica a ser utilizada traz consigo um simbolismo, uma representação simbólica que pode mexer, acionar alguns aspectos do mundo interno da da criança, e isso facilita o trabalho de cuidado, de orientação sendo em si mesmo uma forma de comunicação.

A criança, através, do processo artístico irá se comunicar também através de símbolos, já que nem sempre consegue verbalizar seus sentimentos. E os símbolos são parte do processo de autoconhecimento e transformação, vão aonde as palavras não pisam, alcançam dimensões que o conhecimento racional não pode atingir.

A seguir estão relacionadas algumas sugestões e breve explanação, de modo geral, sobre como esses recursos ajudam a criança:



Contos e histórias

Algumas histórias infantis falam de questões e problemas emocionais comuns, mas falam dentro do domínio da imaginação e não dentro do domínio da cognição. A criança reconhece nos personagens problemas ou questões que ela mesma está enfrentando e consegue através da empatia ver, ouvir, entender e sentir com mais clareza o que se passa consigo, além de se alimentar de esperança de que é possível lidar de formas diferentes e resolver seus conflitos.
Os contos clarificam emoções e ajudam a equilibrar o emocional. As crianças podem ser convidadas a ouvirem ou criarem suas próprias histórias, quando então colocarão seus sentimentos mais profundos.

Desenhos ou Pinturas

O desenho é um recurso projetivo poderoso. Jung enxergava o valor dos desenhos e dizia que poderiam ser agentes de cura, pois de maneira empírica demonstram o que está acontecendo com o corpo,

Dependendo do material utilizado para a produção eles ainda ajudam de forma diferente. **Com lápis de cor pode-se trabalhar expressões de concretude**, demonstrar expressões de impulso e agressividade, pelos traços mais firmes e fortes. **A caneta hidrográfica ajuda na expansão e também no controle dos sentimentos porque ao mesmo tempo que flui não deixa escorrer os conteúdos surgidos.** Com as canetinhas é possível ressaltar, dar contorno ou esconder quando se utilizam cores mais fortes em cima das mais fracas. A **pintura ajuda a dar vasão às emoções e sentimentos, pelo caráter fluído da tinta e pelo uso das cores proporcionando sensação de fluidez.**
É possível pedir que a criança faça um desenho livre, ou que demonstre através de um desenho o que está sentindo, o que pensa em relação ao que está vivendo.

CARAVANA DE LEITORES QUINDIM



Pode-se pedir, depois de uma história, que desenhe a parte que mais chamou atenção. São diversas formas de se utilizar essa técnica e **é importante que se peça à criança que nomeie ou descreva o que desenhou, sem que o adulto fique adivinhando ou colocando suas próprias projeções no desenho da criança.**

É o mundo interior da criança que está ali exposto e deve ser visto sob os olhos dela.

Recortes e Colagens

Esses são processos artísticos estruturantes. O primeiro refere-se à desconstrução, fragmentação, um caminho para a abstração. O segundo ajuda a (re)construir e (re)compor um caminho possível diante dos fragmentos físicos e ou subjetivos que a criança está passando. Só é preciso tomar cuidado com o recorte caso a criança esteja passando por algum momento de separação ou luto já se desconstruiu muita coisa em seu mundo, então, o mais prudente será utilizar mais colagens do que fazê-las recortar.



Pode-se pedir à criança que crie uma imagem através de uma técnica de mosaico (já apresentando os papéis coloridos picados), ou que escolha em revistas e livros algumas imagens que lhe chame a atenção para recortar e colar numa folha fazendo uma montagem, para depois conversarem sobre elas.

Encenação

Vivenciar personagens ajuda as crianças a expressarem emoções que não são “permitidas”, “aceitas” no seu dia a dia, como quando interpretam bruxas, piratas, super-heróis. Se puderem ter ajuda de adereços e fantasias, elas usam a sua verdade, as suas verdadeiras vontades, se expressam com naturalidade e de forma lúdica e divertida, protegidas pelo mundo do faz de conta e da imaginação.



Elas podem interpretar histórias que já conhecem em livros ou contos de fadas ou mesmo criar suas próprias histórias e personagens, e através do faz de conta comunicar seus desejos, angústias, medos e esperanças, ressignificar situações.

Música

Essa arte permite o acesso ao inconsciente, trazendo à tona algumas sensações, conduzindo a elaborar emoções contidas e a raciocinar sobre elas sem a necessidade de verbalizações.

Pode-se apresentar alguma música para a criança e conversar sobre os sentimentos que surgiram através dela, ou mesmo pedir que ela desenhe o que sentiu ou pensou durante a escuta. Também é possível criar músicas com as crianças através de rimas e ritmos, de forma espontânea e divertida.



Escultura

Um processo estruturante e construtivo, trabalha muito a tentativa e o erro além estimular percepções como equilíbrio, peso, proporções.
Pode-se pedir que a criança crie uma escultura de si mesma, de como se encontra, de onde gostaria de estar. E como materiais oferecer argila, massa de modelar ou até sucatas.

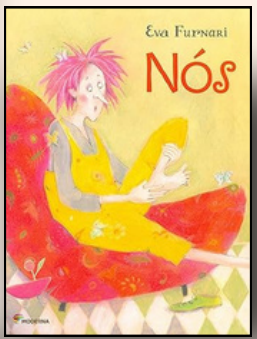
Estes são alguns recursos utilizáveis, mas existem muitos outros que podem ser descobertos através da própria interação com a criança. Como se pode perceber a arte realmente ajuda a expressar emoções, então, além de se mostrar como uma forma mais leve e menos dolorosa de o adulto se comunicar com a criança, sem deixar de ser verdadeira e profunda. Basta que se preste atenção nas suas necessidades, na etapa de desenvolvimento em que se encontra, que se respeite o tempo e a disponibilidade da criança para isso, e que o adulto se mostre aberto a acolher os sentimentos sem julgamento.

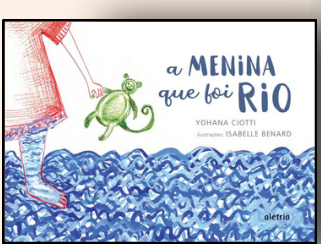
Dicas de livros
e atividades para crianças.

Nesta sessão vamos compartilhar algumas ideias de livros e atividades que podem ser realizadas com as crianças em sala de aula.Esperamos que as(os) educadoras(es) possam utilizá-los com as crianças ajudando-as a expressarem o que está escondido em seu mundo interior.











Tanta chuva no céu
Volnei Canônica (escritor) **e Roger Ycaza** (ilustrador)
Editora do Brasil



As gotas da chuva caíam e caíam do lado de fora da janela. Do lado de dentro, gotas e mais gotas vertiam dos olhos da menina. E, de repente, ela, ainda tão pequena, percebeu que precisava reconstruir os sons, os cheiros, os sonhos e a vida, para que o ciclo pudesse recomeçar. Uma história repleta de belas imagens e emoção, e que, de modo poético, fala sobre infância, perda e superação.

Temas que podem ser trabalhados: saudade, luto, tristeza, abandono.

Sugestões de atividades:

Inicie sempre fazendo uma roda de conversa com as crianças para que possam falar sobre quem ou o que elas sentem saudade, como demonstram saudade, o que sentem e onde sentem no corpo, de que se comportam (chora, fica quietinho, fica bravo....)

1. **Caixa da saudade:** Com caixas de sapatos que podem ser decoradas na parte externa através de pintura, as crianças podem trazer lembrança de pessoas ou coisas que sentem saudade. Pode ser um projeto de família, no qual as crianças podem trazer as saudades do vô, da Vó, dos pais...
2. **Almofadinha das Lembranças:** Algumas criaças sentem muita saudade principalmente no período de adaptação ou mesmo quando um colega sai da escola. Para momentos como esse você pode usar um balão (se for em formato de coração, melhor ainda) e dentro colocar algodão, areia (ou algo que dê a sensação de preenchimento) e dentro também colocar um desenho feito pela criança que lembre a pessoa por quem ela sente saudade, ou nome da pessoa. Essa almodafinha pode acompanhar sempre a criança, como um amuleto.

Não me toca, seu boboca
Andrea Viviana Taubman (escritora) **e Thais Linhares** (ilustradora)
Editora Aletria



De maneira lúdica, o livro não me toca, seu boboca! mostra a todas as crianças o que é a situação de violência sexual e o que fazer para evitá-la. Uma forma de oferecer segurança e informação às crianças sem perder o encantamento próprio da literatura.

Temas que podem ser trabalhados: medo, confiança, coragem, segredo.

Sugestões de atividades:

No final do livro tem sugestões muito bacanas de como conversar com as crianças sobre os temas abordados na história. Vale a pena ler e aplicar com elas. Após o bate papo sugerimos a atividade.

1. **Mãozinha do Não:** Em folha de desenho colorida (a criança pode escolher sua cor) ajude as crianças a contornarem uma de suas mãos. Em seguida recorte. Depois ajude-as a colar essa mão em um palito de churrasco ou picolé. Dentro da mão elas podem escrever palavras de coragem ou uma grande NÂO. Essa mãozinha será como uma placa ou um cartão amarelo que poderá ser usada em momentos em que ela se sentir invadida.



A menina que foi rio
Yohana Ciotti (escritora) **e Isabelle Bernard** (ilustradora)
Editora Aletria



Mas na cidade, se o rio não é mais a casa da água, onde viver?
Na cidade onde o rio não tem lugar, ele quer morar na casa da gente

Temas que podem ser trabalhados: preservação da natureza, família, medo, mudanças climáticas, mudanças de casa.

Sugestões de atividades:

Esse livro foi selecionado em função das enchentes que atingiram o estado do RS no ano de 2024. Algumas crianças ficaram muito impactadas com tantas notícias, mesmo não sendo atingidas diretamente em suas casas.

1. **Água suja, água limpa:** Em um grande painel de papel pardo pinte junto com as crianças um grande rio. Depois conversem sobre o o que pode morar no rio e o que não deve morar no rio. Escolham algumas das coisas ditas pelas crianças e criem com elas, através de sucata, esses seres e ou objetos. Coloquem tudo dentro do rio. Em seguida peça para que cada um escolha algo para deixar ou tirar do rio. Vocês podem também criar uma lixeira e deixar ao lado do rio para aqueles objetos que devem ir ao lixo.
2. **Pintura em aquarela:** proponha para as crianças criarem um desenho em aquarela e peça que ela observe como é mais difícil controlar o desenho quando usamos esse material mais aquoso. Se não tiverem aquarela podem colocar em potes um pouco de água nas tintas guache. Converse sobre o que eles sentiram experimentando a aquarela e sua propriedade de “não se deixar controlar”, assim como aconteceu com a água nas enchentes.

Marina e o Monstro
Bete Tiburi (escritora) **e Marcia Tiburi** (ilustradora)
Editora PequeNoz



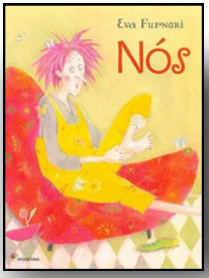
Marina tem um monstro de estimação. Ele tem comportamentos estranhos, então Marina não sabe muito bem como nomeá-lo. Insegurança, ansiedade, vergonha? Todos são nomes ótimos, e por isso tudo fica tão confuso para ela. Nesta doce história, as irmãs Bete e Márcia Tiburi propõem uma reflexão sobre como lidar com os sentimentos difíceis que, se encarados com amor, podem ser uma grande fonte de amadurecimento.

Temas que podem ser trabalhados: identificação de sentimentos

Sugestões de atividades:

1. **Monstro Meu:** Utilizando revistas, cola, tesoura, papel colorido e folha de desenho, peça para que as crianças criem o seu monstro dando um nome a ele. Em seguida elas, podem recortar esse monstro e com lápis de cor e ou canetinha desenhar um cenário, um local onde esse monstro habita (pode ser em uma parte de uma casa, numa casa inteira, dentro do corpo....)
2. **Monstro Colorido:** Em uma folha de desenho peça para que as crianças pinguem algumas gotas de tinta guache (pode ser da cor de sua preferência...ou mais de uma cor) em um dos lados da folha. Em seguida dobre a folha ao meio apertando bem para que a tinta se espalhe. Ao abrir a criança vai ver uma forma. Peça que ela crie um monstro utilizado essa forma que surgiu. Podem dar nome ao monstro e dizer o que sentem quando olham para ele.

Nós
Eva Furnari (escritora e ilustradora)
Editora Moderna



Mel estava sempre rodeada de borboletas e os habitantes da sua cidade insistiam em zombar da garota. Certo dia, sentiu foi um repuxo no pé: seu dedinho tinha dado nó! E não parou aí. Cada vez que a menina ouvia uma zombaria, nascia um nó novo: na perna, nas mãos, na garganta. Até que, ao surgir o sétimo nó, ela achou que já era demais e resolveu sair da cidade. Descubra como Mel conseguiu desfazer esses nós, nesta obra lírica e delicada sobre o sentimento de inadequação doloroso que muitos de nós sentimos no decorrer da infância e da adolescência.

Temas que podem ser trabalhados: identidade, inadequação, bullying, expressão de sentimentos

Sugestões de atividades:

1. **Diferenças e semelhanças:** Em duplas, sugira que as crianças se observem, percebendo o que tem de diferente e o que tem de semelhança em sua aparência física, depois também nos gostos por esportes, brincadeiras, cores, roupas .. Em seguida cada um pode fazer um desenho que represente o colega. Pode-se sugerir que eles façam uma breve apresentação um do outro falando sobre o que descobriram.
2. **Se eu tivesse um nó:** Numa roda de conversa, leve um pedaço de barbante para cada criança e pergunte “se você tivesse um nó em algum lugar do seu corpo, onde seria? Porque teria esse nó? Um de cada vez pode falar sobre o seu nó e como os colegas podem ajudar a desamarrá-lo.

CARAVANA DE LEITORES QUINDIM



O livro é o primeiro museu da criança

Volnei Canônica
Presidente do
Instituto de Leitura Quindim

A frase do título foi dita por uma das mais importantes ilustradoras do mundo, Kveta Pacovská, da República Tcheca. Kveta é ganhadora do Prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Prêmio Nobel da Literatura para Crianças e Jovens.

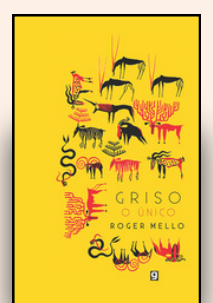
Nos museus podemos ler a relação do indivíduo com a natureza, com o desconhecido e também com o seu semelhante, na busca de uma identidade coletiva. Nos museus podemos apreciar as diferenças culturais e ampliar nosso olhar, construindo múltiplas perspectivas e compreendendo a diversidade e pluralidade social. Os museus guardam informações que representam a humanidade.

Se entendemos que a criança, desde seus primeiros anos de vida, está construindo sua percepção como indivíduo, se familiarizando com o desconhecido, com os seus sentimentos, com a natureza e os outros indivíduos, podemos perceber como o livro infantil é essencial. O livro é um "museu portátil",

O livro infantil apresenta à criança a possibilidade de toque, de movimento, de narrativas visual e verbal. Dentro deste objeto com variados formatos a criança vai encontrar diferentes personagens e enredos que trazem a complexidade das relações humanas.



ilustração do livro



Griso, o único
Roger Mello (autor e ilustrador)
Editora Global

O ser humano é um acúmulo de experiências individuais e do eco de antepassados. Quando entregamos para a criança um livro como “Griso o único”, de Roger Mello (editora Global), que apresenta a peregrinação de um unicórnio ao longo de diferentes civilizações, à procura de um semelhante, do seu par. A mudança constante da representação visual do unicórnio, fazendo alusão à diferentes culturas em tempos e lugares diversos, investiga a filosofia da imagem desafiando esses leitores. Por que o unicórnio sai à procura de um igual? Me parece uma questão da busca da identidade. Todos nós, seres únicos, estamos nesta busca pelo acolhimento entre nossos semelhantes. O diálogo entre a individualidade e o coletivo.

Nas ilustrações desta obra, Roger, ilustrador brasileiro e também ganhador do Prêmio Hans Christian Andersen, brinda os leitores com diferentes movimentos artísticos e culturais, como por exemplo as pinturas rupestres e iluminuras, a arte surrealista e os adornos do antigo Egito. Uma aula da história da arte.

Talvez você ainda esteja se questionando se deve entregar livros como estes para crianças que ainda não dominam o código escrito. Eu posso afirmar que devemos sim. As crianças leem tudo desde que chegam ao mundo e abrem os seus olhos. Não dominar o código escrito é outro assunto. A palavra escrita é uma das mais importantes invenções da humanidade, mas ela nem sempre existiu. Escrevo esse texto diretamente da Rússia e não domino a leitura do alfabeto russo. Posso garantir no entanto, que estou lendo tudo que meus olhos, tato, paladar e olfato percebem sobre essa sociedade.

Nunca subestime o olhar inaugural e curioso de um pequeno leitor.

CARAVANA DE LEITORES QUINDIM



Referência bibliográficas

Caderno 2: **Ser criança na Educação Infantil: Infância e linguagem, da Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil** - Coordenação MEC. Autores do Caderno 2: Solange Jobim e Souza, Rita Ribes Pereira e Maria Cristina Soares Gouvêa.

Caderno 4: **Bebês como Leitores e Autores, da Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil** - Coordenação MEC. Autores do Caderno 6: Maria Emilia López e Daniela de Oliveira. Tradução de Ricardo Paolinelli Carvalho Leite Persio e Aline Sobreira

SUNDERLAND, Margot. O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças. Tradução Carlos Augusto Leuba Salum, Ana Lucia Rocha Franco - São Paulo: Cultrix, 2005

TARSO, Paulo de & SANS, Cheida. A criança e o artista - Campinas, SP: Papirus Editora, 1994

URRTIGARY, Maria Cristina. Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro: WAK,2003

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. Arteterapia com Crianças Hospitalizadas. (Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo). Ribeirão Preto, São Paulo, 2003.

CARAVANA DE LEITORES QUINDIM



APOIO CULTURAL

Villagio Caxias
O melhor é agora

Instituto Elisabetha Randon

REALIZAÇÃO

Instituto de Leitura QUINDIM

FINANCIAMENTO

lei de incentivo à Cultura

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL